

## açucenas bravas

versos por A. VICENTE CAMPINAS

*Açucenas Bravas* não é um livro de estreia. Vicente Campinas publicou o seu primeiro livro de versos—*Aquarelas*—em Maio de 1937, e em Novembro dêsse mesmo ano apresenta-nos uma 2.<sup>a</sup> edição com ligeiras correções, um prefácio de Maria Raquel e, em apêndice, «pequenas amostras da crítica e algumas apreciações de escritores e jornalistas sobre a 1.<sup>a</sup> edição».

Duas edições de um livro de versos em tão pouco tempo é, entre nós, caso para sincero espanto e muito mais tratando-se dum estreante. Confessamos, mesmo, ser êste o único nosso conhecido.

Perante êste facto, uma questão se põe imediatamente: —Como se justifica êste extraordinário êxito?

Uma simples leitura de *Aquarelas* nos mostrará a imperfeição do soneto, o seu fêcho demasiado frouxo, a pobreza das rimas, a repetição inútil de palavras, frases e idéas, a existência de versos de mau gôsto...

Isto quanto a defeitos. Mas, nem tudo é mau neste livro. Aparecem-nos por vezes páginas de certa beleza, principalmente quando o poeta se conserva puramente objectivo e não tem outra finalidade que a descrição de um quadro, que o emocionara.

«Hora do Poente» é uma das mais características.

«...Pela estrada,  
carros de pachorrentos bois conduzem  
por entre nuvens  
de poeira em suspensão, etc.  
...  
...Perfumada de leve odor salino,  
vem do mar uma aragem  
que se estende por campos e ca-  
sais,» etc.

Como exemplo da pobreza de rimas, veja-se a poesia «Inconsciência», pejada de advérbios (delirantemente, fortemente, interessadamente, calorosamente, medrosamente, delicadamente, avidamente, inconscientemente, loucamente, eternamente) que se repetem com pequeno intervalo. Note-se que a repetição de que Vicente Campinas usa, e abusa, não nos aparece para se atingir determinado efeito mas, pelo contrário, só vem prejudicar a beleza do verso.

«Na lenga-lenga duma cantilena  
qual sinfonia que ninguém entende  
as cigarras dão curso ao seu cantar  
em cantilena que ninguém entende...»

E, como êste, imensos exemplos se poderiam apresentar. Quanto ao fêcho do soneto êle é normalmente frouxo e

quáasi nunca encerra um conceito-síntese.

«Ela é tão nova, tem tão poucos  
anos!  
E não provou o êxito do trabalho  
do mal, desilusões e desenganos!...»

Nêste soneto, «A Jovem», que foi intercalado na 2.<sup>a</sup> edição de «Aquarelas» aparece um verso

«onde a ilusão disputa com a Vida...»

que poderá corroborar a afirmação feita há pouco da existência de versos de mau gôsto e sentido duvidoso.

Com tudo isto, volto à pergunta inicial: Como se justifica o extraordinário êxito dêsse livro?

Deixemos de parte possíveis interpretações dêsse fenómeno e detenhamo-nos um pouco no quanto devia ter contribuído para isso a pseudo-crítica que se fez a «Aquarelas».

Nota-se em tôdas elas a simpatia que o autor despertou pela sua admiração pelos humildes, os «desapossados» como diz e bem M. Raquel, a indignação que mostra pelas injustiças sociais, o desejo de contribuir para uma melhor compreensão da justiça entre os homens.

Tudo isto, parece ser a conclusão pretendida, fará de V. Campinas um bom poeta. Nada de mais absurdo. E por demais sabido que a Poesia nada tem que ver com a Verdade ou com a Moral. E não basta uma intenção moralizadora, didáctica mesmo, para salvar um poema.

Um grito de indignação pela forma humilhante como são tratados os negros é humano e louvável.

Mas será isso suficiente para que se qualifique «Impiedade», uma das piores poesias do livro, (como o fez Fernando Augusto) de «um belo poema de um pensamento genial»?

Serão «Três tempos», três

sonetos magistraes, Sr. Larbak?

Estou certo que não. Tudo isto vem a propósito do aparecimento de «Açucenas Bravas», o novo livro de V. Campinas.

Neste, se exceptuarmos uma maior segurança que se observa no soneto,—melhoria que registamos com prazer—encontramos as mesmas imperfeições. Vejam-se, por exemplo, na poesia «Manicômio» as repetições das palavras: Mundo, louco, loucura. Por outro lado, não nos dá o autor o que nos prometera com as suas poesias a que poderemos chamar *naturais*.

(«...Carregam, em seus braços mus-  
culosos,  
...  
sachos, enxadas, folees e tesouras;  
e, juntamente levam bolsas, cestos,  
ou marmitas de lata onde fervem a  
açôrdas...»

Não fazem lembrar Cesário Verde, êstes versos?).

Logo no começo de *Açucenas Bravas* diz-nos Campinas:

«Não te deixes prender aos precei-  
tos da Rima.  
Deixa o verbo correr, livremente, à  
vontade,  
e deixa-o procurar o pomo da ver-  
dade,  
que tanto anima  
a sua ânsia de viver e progre-  
dir! (Esportação)»

Mas, coisa curiosa, é o próprio autor quem vem contrariar êsse preceito, nomeadamente no poema, em que a rima representa uma preocupação constante.

«Carroceiros» e «Vagabundos» são poemas inferiores no género de «Impiedade» de que se poderia dizer *mutatis mutandis* o que dêsse se disse.

«Desespero» é um belo poema que gostaríamos de transcrever na íntegra:

Um dia  
sentel-me a soletrar uma poesia,  
(não sei se de sãdade e de amor e  
beleza)  
um poema que não era em língua  
portuguesa

E prendeu-se-me a voz, e fiquei triste,  
imensamente triste,  
por não saber  
o que dizia  
essa poesia  
que de maneira alguma soube ler...

Este poema revela grandes possibilidades que desejaríamos ver realizadas em futuras publicações.

## A chuva

Lá fóra a chuva cai,  
E chóra,  
E chama,  
E pede,  
E vem bater nos vidros da janela...

Ouvindo-a sófro  
Como se a minha mágoa  
Fôsse aquela...

O choro,  
Terno,  
Suplicante,  
Enregela os meus nervos.  
Vai desfazendo o véu brilhante  
Onde amortalho os sonhos...

Aquêlê choro,  
Lá fóra,  
Sôbre a rua,  
Ensofando os lagêdos e os vitrais,  
Perpassa como a sombra fria e nua  
Duma alma bastarda a maldizer os pais...

L Y G I A

J. T.